Vaz de Caminha e sua carta

No corrente como no anno do descobrimento do Brasil começa o quinto mez por uma sexta-feira. «Deste porto seguro da vossa ilha de Vera Cruz, hoje sexta feira, primeiro dia de Maio de 1500», termina a carta de Pero Vaz de Caminha a D. Manuel I, rei de Portugal. A coincidencia convida a mais uma vez reler o precioso documento.

Muitos seculos jouve desdenhado ou esquecido, e a este acaso feliz se póde, sem temeridade, attribuir a conservação. Cerca de 1790 descobrio-o em suas pesquizas o erudito historiador castelhano J. B. Munoz, affirma Navarete. Sem saber disto, alguem ainda desconhecido forneceu uma cópia ao real archivo da Marinha do Rio de Janeiro. Della servio-se Manoel Ayres de Casal para publical-o integralmente em 1817 no primeiro volume da *Chorographia*, sahido dos prélos da impressão desta cidade. Assim escripto desta banda do mar para um soberano que, se o leu, não lhe comprehendeu todo o alcance, desta mesma banda do oceano foi levado ao conhecimento do publico. Ninguem mais digno de publical-o do que o verdadeiro creador da geographia nacional.

Nove annos depois desta edição *princeps* appareceu outra em Lisboa, mais completa, cotejada pelo original ao que se crê, no quarto volume das *Noticias ultramarinas*. Por julgal-a demasiado accessivel, ou por outro motivo semelhante, o Instituto Historico excluio de sua

Revista a carta de Caminha, que só por instancias de Varnhagen estampou no tomo 40, parte segunda, quasi quarenta annos depois de sua fundação.

Antes e depois disto houve numerosas re-impressões, arroladas até certa época nos *Annaes da Bibliotheca Nacional*. Dentre ellas cumpre destacar duas, feitas em Lisboa para commemorar o centenario colombino, uma pela Torre do Tombo, outra pela Academia de Sciencias. A todas se avantajaria a do Instituto Historico Bahiano, em 1900, com a reproducção fac-similar do codice, uma transcripção em linguagem da época e uma versão modernisada, se do livro constasse como foi obtido o fac-simile, como vinte e sete paginas delle correspondem ás sete folhas do original, quem se encarregou da paleographia, quem accommetteu a versão moderna. Taes informações substituiriam com vantagem as estampas sem valor historico servidas em seu lugar.

Nos *Annaes* tambem existe o rol das diversas traducções. Entre ellas figura uma em vernaculo, devida a João Francisco Lisboa.

Entendeu com muita razão o Timon maranhense que nem todo o mundo poderia orientar-se na prosa emaranhada do correspondente de D. Manuel, e arvorou-se em um sertanista. Seus conhecimentos de grammatica historica não davam, porém, para tanto, nem Ayres de Casal lhe fornecia um texto escorreito. As passagens cruciaes continuaram e continuam obscuras. Um commentario philologico, feito por um entendido, ainda hoje é imprescindivel, hoje mais do que nunca.

Quem era Pero Vaz de Caminha?

Nos livros de Castanheira e Damião de Góes lê-se que sahiu de Lisboa nomeado escrivão da feitoria a fundar em Calecut. Da carta do escrivão resulta que embarcou na capitanea, tinha-o em grande conta Pedr'Alvares, a ponto de admittil-o a um conselho de capitães da frota, convocado para tratar de assumptos graves. Devia conhecer o monarcha de longos annos; de outro modo não se explica o tom familiar da epistola.

Conforme documentos divulgados por Souza Viter-

bo, o incansavel investigador agora cégo como Aug. Thierry, orçaria por cincoenta annos quando se deu o achamento da nova terra, pois já era maior em 8 de Março de 1476, quando D. Affonso V, de cuja casa era cavalheiro, nomeou-o mestre de balança da moeda da cidade do Porto, por morte do pai, ou quando o pai lhe quizesse ceder o lugar. Este, Vasco Fernandes de Caminha, protegido do Duque de Guimarães, occupou varios cargos fiscaes, entre outros o de recebedor-mór dos dinheiros de Tanger. Não é impossivel que o filho mettesse alguma lança em Africa; é mesmo verosimil que suas raras aptidões de observador já se tivessem exercitado em outras partes e em outros povos antes de attingir a mestria revelada a proposito dos Brasis.

Caminha começou a escrever em 26 de Abril, depois de ficar decidido mandar um portador ao reino com a noticia da terra novamente achada. Poucas linhas bastam-lhe para a viagem de Lisboa ao Cabo-Verde; ainda menos consagra ao mez de caminho por este mar de longo, seiscentas e sessenta a seiscentas e setenta leguas, na estimativa dos pilotos, percorridas entre a ilha de S. Nicoláu e a costa avistada na tarde de 22. Da marinhagem e das singraduras deixou a conta aos entendidos. A 21 nota signaes de proximidade de terra, manifestados em hervas compridas como botelhos e rabos de asno, accentuados na outra manhã pela passagem de aves chamadas fura-buchos, e afinal confirmados pela visão vespertina de serras e arvoredos longinquos. A 23 trata sobretudo de manobras, marchas, sondagens á cata de bom ancoradouro, afinal encontrado a 24.

Desde então a narrativa se expande, affluem os pormenores, anima-se o scenario e o observador apparece, perspicaz e sincero. «Bem certo creia por aformosear nem afeiar haja de por mais que aquillo que vi e me pareceu», assegura ao real amo, e cumprio a promessa.

Affonso Lopes, incumbido de sondar a bahia desejada, apanhou dous indigenas em uma almadia e levou-os com escuro á capitanea, onde Caminha os vio e desde logo os desenhou em traços vivos.

« A feição delles é serem pardos, maneira de avermelhados, de boos rostros e boos narizes, bem feitos; andam nús, sem mesmo uma cobertura, nem estimam nem uma cousa cobrir nem mostrar suas vergonhas, e estão ácerca disso em tanta innocencia como tẽ em mostrar o rostro; traziam ambos os beiços de baixo furados e mettidos por elles senhos ossos de osso branco ..; os cabellos seus são corredios e andavam tosquiados de tosquia alta mais que de sobrepentem, de boa grandura e rapados até por baixo da sulapa, de fonte a fonte para detrás, uma maneira de cabelleira de pennas d'ave amarella que seria da compridão de um couto, mui basta e mui çarada que lhe cobria o toutuço e as orelhas, a qual andava pegada nos cabellos penna e penna, com uma confeição branda como a cera e não no era, de maneira que andava mui redonda e mui basta e mui igual, que não fazia mingua mais lavagem pera a levantar. »

Neste primeiro encontro, em que os gestos fizeram de unica linguagem, succederam-se os quiproquós. Os indigenas portaram-se em geral indifferentes, repugnaram-lhes as comidas, o vinho e com maior razão a agua de bordo. «Mostraram-lhes um papagaio pardo que aqui o capitão traz; tomaram-no logo na mão e acenaram para terra como que os havia hi. Mostraram-lhes um carneiro; não fizeram delle menção. Mostraram-lhes uma gallinha; quasi haviam medo della e não lhe queriam pôr a mão e depois a tomaram como espantados». Maior interesse sentiram por contas de rosario e objectos metallicos, mas o tédio por fim superou, «e então atiraram-se assi de costas na alcatifa a dormir, sem ter nem uma maneira de cobrirem suas vergonhas... O Capitão lhes mandou pôr a cabeça senhos coxins e o da cabelleireira procurava assaz pola não quebrar, e lançaram-lhes um manto em cima e elles consentiram e jouveram e dormiram. »

Sabbado, 25, depois de fundeada a frota, Caminha foi a terra em companhia de Nicoláu Coelho. Os naturaes continuam a prender-lhes a curiosidade. «Andavam alli muitos delles ou quasi a maior parte, que todos traziam aquelles bicos de osso nos beicos;... e andavam

hi outros quartejados de côres, saber delles a metade de sua propria côr, e a metade de tintura negra maneira de zulada, e outros quartejados d'escaques. Ali andavam entre elles tres ou quatro moças, bem moças e bem gentis, com cabelos muito pretos compridos pelas espaduas». Um «era já de dias e andava por louçainha cheio de penas pegadas pelo corpo que parecia asseteado como São Sebastião; outros traziam carapuças de pennas amarellas, e outros de vermelhas e outros de verdes, e uma daquellas moças era toda tinta de fundo acima daquella tintura».

Domingo, 26, a missa da Paschoela, primeira dita no Brasil num ilhéu da vasta bahia, não o absorve a ponto de fazer-lhe esquecer os naturaes da terra, cujos movimentos na praia fronteira nota durante o sacrificio incruento e a pregação de Fr. Henrique.

« Andava hi um que fallava muito aos outros que se afastassem ;... este que os assi andava afastando trazia seu arco e setas, e andava tinto de tintura vermelha pelos peitos e espaduas e pelos quadris, coxas e pernas até baixo, e os vasios com a barriga e estomago eram de sua propria côr, e a tintura era assi vermelha que a agua não lhe comia nem desfazia, antes quando cahia d'agua era mais vermelha. »

Depois da missa, «vieram todos capitães a esta náu por mandado do capitão-mór, com os quaes se elle afastou e eu na companhia, e perguntou assim a todos se nos parecia ser bem mandar a nova do achamento desta terra a Vossa Alteza pelo navio dos mantimentos para a melhor mandar descobrir e saber della mais do que nós agora podiamos saber, por irmos de nossa viagem ; e entre muitas fallas que no caso lhe fizeram, foi por todos ou a maior parte dito que seria muito bom e nisto concrudiram ».

Desta conclusão procedeu a carta de Caminha, e procederiam a de Cabral e as de seus companheiros se o tempo as poupasse como a do modesto escrivão de feitoria, que escreveu por proprio gosto, sem responsabilidade official, e por isso tanto nos deleita hoje, e afinal

pelas nossas predilecções e curiosidades. De passagem note-se que o nome de Paschoal dado ao primeiro monte entrevisto e o de terra de Vera Cruz parecem datar desta dominga e não de quarta-feira 22. O facto de figurarem desde a primeira linha da missiva mostraria apenas como o baptismo era recente. A denominação de Paschoal explica-se pelo descobrimento no oitavario da Paschoa, a da terra pela bandeira de Christo, entregue por D. Manoel ao capitão-mór, antes da despedida em Belem. Sente-se em tudo isto a influencia de F. Henrique, guardião dos franciscanos. «Alli era com o capitão a bandeira de Christo com que sahio de Belém, a qual esteve sempre alta á parte do Evangelho Acabada a missa desvestio-se o padre e poz-se em uma cadeira alta, e nós todos lançados por essa areia e prégou uma solemne e proveitosa pregação da historia do Evangelho, e em fim della tratou de nossa vinda e do achamento desta terra, conformando-se com o signal da cruz sob cuja obediencia vimos, a qual veio muito a preposito e causou muita devoção.» A historia das duvidas de Thomé, lida naquella solemnidade, prestava-se a muitos desenvolvimentos opportunos.

O desembarque á tarde, depois do conselho de capitães, forneceu ensejo a novas observações: «Ali verieis galantes pintados todos de preto e vermelho—quartejados assi pelos corpos como pelas pernas que certo pareciam assi bem; tambem andavam entre elles quatro ou cinco mulheres moças assi nuas que não pareciam mal, antre as quaes uma com uma coxa do giolho até o quadril e a nadega toda tinta daquella tintura preta e o al todo da sua propria côr; outra trazia ambolos giolhos com as curvas assi tintas e tambem os colos dos pés; tambem andava hi outra mulher moça com um menino ou menina no collo atado com um panno não sei de que aos peitos, que lhe não pareciam se não as perninhas, mas as pernas da mãi e o al não trazia nem um pano.»

Outro desembarque á segunda-feira 27 serve a precizar mais as primeiras impressões: «Neste dia os vimos de mais perto e mais a nossa vontade, por andarmos to-

dos quasi misturados, e ali delles andavam daquellas tinturas quartejados, outros de metahes, outros de tanta feição como em panos de armar, e todos com os beiços furados, e muitos com os ossos nelles, e delles sem ossos. Traziam alguns delles uns ouriços verdes d'arvores que na côr queriam parecer castanheiros, senão quanto eram mais e mais pequenos, e aquelles eram cheios de uns grãos vermelhos pequenos que esmagando-os entre os dedos fazia tintura muito vermelha de que elles andavam tintos, e quanto se mais molhavam mais vermelhos ficavam. Todos andam rapados até acima das orelhas e assi as sobracelhas e pestanas; trazem todos as testas de fonte a fonte tintas da tintura preta que parece uma fita preta ancha de dous dedos.»

A attenção prestada á gente conserva a mesma intensidade applicada aos artefatos, e para completar-se volta mais de uma vez ao assumpto. Assim a 24 menciona «ossos de osso branco da compridão de uma mão travessa e grossura de um fuso de algodão e agudo na ponta como furador; metem-nos pela parte de dentro do beiço e o que lhe fica ante o beiço e os dentes é feito com roque de enxadrez, e em tal maneira o trazem ali encaixado que lhe não dá paixão, nem lhe torva a falla nem comer, nem beber.» A 25 recorda: «todos traziam aquelles bicos de osso e alguns que andavam sem elles traziam os beiços furados e nos buracos traziam uns espelhos de páu que pareciam espelhos de borracha, e alguns delles traziam tres daquelles bicos, saber, um na metade e os dous nos cabos.» A 26: «trazia este velho o beiço tão furado que lhe caberia pelo furado um grão dedo polegar, e trazia metido no furado uma pedra verde ruim que çarava por fóra aquelle buraco, e o capitão (Pedr'Alvares) lha fez tirar, e elle não sei que diabo falava e ia com ella para a boca do capitão para lha meter; estivemos sobre isso um pouco rindo e então enfadou-se o capitão e deixou-o »

A almadia tomada por Affonso Lopes a 24 volta-lhe á memoria no dia 26, á vista de uma jangada: «e alguns delles se meteram em almadias, duas ou tres que ah

tinham, as quaes não são feitas como as que eu já vi; sómente são tres traves atadas juntas.» Ao lado das carapuças variegadas menciona «um panno de pennas de muitas côres, maneira de tecido assaz formoso.» Quanto aos arcos «são pretos e compridos, e as setas compridas e os ferros dellas de canas aparadas.»

Preso á praia proxima, interrogava os que poderam penetrar nas aldeias. A 27: «Foram bem uma legua e meia a uma povoação de casas, em que haveria nove ou dez casas, as quaes diziam que eram tão compridas cada uma como esta náu capitanea e eram de madeiras e das ilhargas de taboas e cobertas de palha, de rasoada altura, e todos em uma só casa, sem nem um compartimento; tinham de dentro muitos esteios, e de esteio a esteio uma rede atada pelos cabos em cada esteio, altas em que dormiram; e de baixo para se aquentarem faziam seus fogos; e tinha cada casa duas portas pequenas, uma em um cabo e outra no outro; e diziam que em cada casa se colhiam trinta ou quarenta pessoas e que assi os achavam, e que lhe davam de comer daquella vianda que elles tinham, saber, muito inhame e outras sementes que na terra ha.» A 28: «Muitos delles (indigenas) vinham alli estar com os carpinteiros, e creio que o faziam mais por verem a ferramenta de ferro com que a faziam que por verem a cruz, porque elles não tem cousa que de ferro seja e cortam sua madeira e páos com pedras feitas como cunhas metidas em um páo antre duas talas mui bem atadas e por tal maneira que andam (ficam) fortes, segundo os homens que hontem ás suas casas (foram?) diziam, por que lhas viram la.» Este *hontem* empregado aqui mostra quanto escreveu Caminha no domingo e na segunda, apezár da missa, do sermão, dos passeios por mar, do desembarque. Exactamente esta concentração mais avivou-lhe a memoria das cousas vistas.

O talento do observador refinava pela comparação constante e pela tendencia a reduzir tudo a algarismo. Habitos adquiridos no emprego de mestre de balança de moeda, obrigado a pequenos numeros e responsavel por fracções minimas?

Compara tudo: o corpo e os membros da gente desta e de sua terra, a almecega e a cêra, o urucú e as castanhas, as contas indigenas e as sementes de aljaveira, os rostos de uns e outros individuos, chegando por duas vezes a concluir que eram irmãos, as aves que passam voando. «Emquanto andavamos nesta mata a cortar lenha, atravessavam alguns papagaios por essas arvores, delles verdes e outros pardos, grandes e pequenos, de maneira que me parece que haverá nesta terra muitos, pero eu não veria mais que nove ou dez; outras aves então não vimos, sómente algumas pombas seixas, e pareceram maiores em boa quantidade ca as de Portugal; alguns diziam que viram rôlas, mas eu non as vi.» A 29: «trouveram papagaios e outras aves pretas quasi como pêgas si não quanto tinham o bico branco e os rabos curtos.»

Um trecho já aproveitado acima póde ser repetido como exemplo do modo por que apurava os conhecimentos e a boa fé com que reconhecia sua ignorancia: «Tambem andava ahi outra mulher moça com um menino ou menina no collo, atado com um panno não sei de que, que não lhe pareciam senão as perninhas.»

A conta, o peso, a medida são-lhe, por assim dizer, imprescindiveis: conta as aves que passam, estima em cincoenta a cincoenta e cinco annos a idade de um velho que encontra, orça a largura e o fundo de um rio, aponta as sondagens, calcula quantos vasos caberiam na bahia, dá as distancias guardadas pelos esquifes num passeio ao longo da praia, avalia o comprimento da terra nova pela costa

Não pára nas exterioridades e, segundo sua promessa, conta o que lhe pareceu. Convence-se da falta de senhor, isto é, de pessoa acatada e temida; regosija-se com a ausencia de idolos, tão favoravel ao futuro da catechese; nota indifferença, a ingratidão apparente dos naturaes, a esquivança instinctiva seguida logo de confiança indiscreta. «Tomavam logo uma esquiveza como montezes... Logo de uma mão para outra se esquivavam como pardaes de cevadouro, e homem não lhes ousa fallar rijo por se mais

não esquivarem, e tudo se passa como elles querem pelos bem amansar... Os outros dous que o capitão teve nas náos, a que deu o que já dito é, nunca aqui mais pareceram, de que tiro ser gente bestial e de pouco saber e por isso são assim esquivos; elles, porém, comtudo, andam muito bem curados e muito limpos e naquillo me parece ainda mais que são como aves ou alimarias montezes, que lhe faz o ar melhor penna e melhor cabello que as mansas; porque os corpos seus são limpos e tão gordos e tão fermosos que não póde mais ser, e isto me faz presumir que non tem casas nem moradas em que se colham e o ar a que se criam os faz taes. Nem nós até agora, não vimos nem umas casas nem maneira della.» Isto pensava a 26; a existencia de casas foi conhecida só a 28 de Abril.

A convivencia despertou cada vez mais a sympathia pelos filhos da terra e é-lhes favoravel o seu juizo final. «Certo esta gente é boa e de boa simplicidade, e imprimir-se-ha ligeiramente nelles qualquer cunho que lhe quizerem dar, e logo Nosso Senhor deu boos corpos e boos rostos como a boos homens e elle que aqui nos trouxe, creio que não foi sem causa. E, portanto Vossa Alteza, pois tanto deseja accrescentar na Santa fé catholica deve entender em sua salvação, e prazerá a Deus que com pouco trabalho será assim. Elles não lavram nem criam, nem ha aqui boi nem vacca, nem cabra nem ovelha, nem gallinha, nem outra nenhuma alimaria que costumada seja ao viver dos homens; nem comem senão desse inhame, que aqui ha muito, e dessa semente (abaty ou milho?) e frutos que as arvores de si lançam; e com tudo isso andam taes e tão rijos e tão nedios que o não somos nós tanto com quanto trigo e legumes comemos.»

Caminha não seria do seu tempo se consagrasse largas paginas a descripção da natureza, mas escreveu o bastante para mostrar que tambem vibrava a estas emoções.

« Esta terra, senhor, me parece que da ponta que mais contra o Sul vimos até a outra que mais contra o Norte vem, de que nós deste porto houvemos visto, será

tamanha que haverá nella bem vinte ou vinte e cinco leguas por costa. Traz ao longo do mar em algumas partes grandes barreiras, dellas vermelhas e dellas brancas; e a terra por cima toda chã e muito cheia de grandes arvoredos De ponta a ponta é toda praia parma e muito chã e muito fremosa; pelo sertão nos pareceu do mar muito grande, porque a estender olhos não podiamos ver senão terras e arvoredos que nos parecia mui longa terra. Nella atá agora não podemos saber que haja ouro nem prata nem uma cousa de metal, nem de ferro, nem lh'o vimos; pero a terra em sim é de muitos bons ares, assi frios e temperados como os de ante Douro e Minho, porque neste tempo de agora assi o achavamos como os de lá; aguas são muitas infindas; em tal maneira é graciosa que querendo a aproveitar dar-se-á nella tudo per bem das agoas que tem. »

Uma lacuna e bem notavel sente-se na epistola de Vaz de Caminha: o sol ardente, o luar, as constellações novas, tão diversas das do hemispherio septentrional, não lhe arrancam uma referencia sequer. A sua ignorancia de singraduras e marinharias extendia-se aos phenomenos astronomicos. Entretanto estas questões interessaram pelo menos os pilotos da frota, e mestre João, bacharel de artes e medicina, transmittio-se o éco enfraquecido dos debates.

A carta de mestre João, tambem datada de 1 de Maio e descoberta por Varnhagen, deu azo a Joaquim Norberto para levantar o problema da casualidade ou proposito no descobrimento do Brasil. Explicava-o mais tarde com sua bohemia resignada e ligeiramente melancolica; apenas quiz semear duvidas. Estas duvidas no além-mar transformaram-se, por assim dizer, em certezas, e hoje é quasi dogma alli que o descobrimento do Brasil não foi fortuito, em outros termos, foi fingido; pensam até alguns que o verdadeiro descobridor chamava-se Duarte Pacheco, o Achilles lusitano.

Caminha de nem um modo suffraga esta these: a de Fr. Henrique convenceu-o e mais de uma vez em tudo vê a mão divina. Os partidarios do descobrimento propo-

sital deviam pesar bem as occurrencias do conselho dos capitães reunidos a 26 de Abril. Pedr'Alvares «perguntou assim a todos se nos parecia ser bem mandar a nova do achamento desta terra a Vossa Alteza pelo navio dos mantimentos para a melhor mandar descobrir e saber della mais do que agora nos podiamos, por irmos de nossa viagem e antre muitas fallas que no caso se fizeram foi por todos ou a maior parte dito que seria muito bem e nisto concrudiram.» Tão pouco fundamento assiste aos panegyristas de Duarte Pacheco; só a leitura desattenta do *Esmeraldo* permitte transferir para aquem da equinocial viagens e descobrimentos realizados nas altas latitudes do hemispherio do Norte.

Outra applicação não menos curiosa deu um illustre historiador argentino á lenga-lenga confusa de mestre João. Luiz L. Domingues servio-se della para declarar apocrypha a carta de Caminha, em um artigo publicado por *La Bibliotheca*, Buenos Aires, 1897.

« Los Portugueses (diria melhor os Brasileiros, a quem toca mais de perto), miran con respeto sacramental la carta detallada y prolija de Pedro Vaz de Caminha, secretario de Cabral, en que da al rey minuciosos pormenores de la tierra y de los indios, recogidos en los *cinco dias* que alli se demoraran.

El desembarco tuvo lugar el 26 de Abril; la carta es del 1.º de mayo de 1500. Probablemente fué escrita muchos anos después de esta fecha; y este juicio se confirma leyendo la descripcion auténtica de este viaje, escrita por un piloto portugués y publicada por la Academia de Ciencias de Lisboa en la coleccion de *Noticias Ultramarinas*, tomo 2, y la carta del cirurjano espanol de la expedicion de Cabral, Johannes Emenelaus, publicada por Varnhagen.

La sencilez y rudeza de estas cartas de testigos y actores contrasta con el estilo limado y la narracion llena de pormenores que solo podian conocerse después de una residencia en aquel pais desconocido. »

Nem Caminha era secretario de Cabral, nem desembarcou só a 26 de Abril, nem demorou apenas cinco dias, mas isto pouco importa. Se o piloto portuguez passou ligeiro pelos dias de Porto Seguro, explica-se isto pelo facto de occupar-se da viagem inteira de Pedralvares e a importancia dos successos da India, as perdas de navios, o saque da feitoria, o bombardeio de Calecut, etc., obscureceram o idyllio brasileiro. Todo o essencial da carta de Caminha apparece na relação anonyma, ás vezes em termos quasi identicos, e sua chronologia tem tanto de rigorosa como a do piloto de inexacta, o que, aliás, não merece reparo especial, pois um escrevia ao compasso do successo, o outro narrou-o mais de um anno depois. O piloto, sem colorido embora, mas com precizão incontestavel, abunda em «pormenores que solo podiam conocerse después de una residencia en aquel pais desconocido.» Mestre João não podia dal-os, todo embebido em astrolabios e mappa-mundi, e, além disso, diante de «una pyerna que tengo mui mala que de una cosadura se me ha fecho una chaga mayor que la palma de la mano.» De resto o original em papel e caracter do tempo, conserva-se ainda na Torre do Tombo, sem jamais ter despertado a minima duvida em quantos o manusearam. Emfim, qualquer diploma fabricado visa sempre uma demonstração ou um interesse. Que demonstração se póde encontrar na carta do viajante e que interesse della deduzir?

A 2 de Maio partiram os onze navios, logo reduzidos a quasi metade por uma tempestade na passagem de Boa Esperança, e aportaram a Calecut. A 12 de Dezembro foi alli assaltada a feitoria e mortos quasi todos os Portuguezes nella encontrados.

Pero-Vaz de Caminha foi um delles quiçá; em todo caso morreu na India em serviço del-Rei, segundo uma carta regia de 3 de Dezembro de 1501.

Isto força-nos a retroceder.

Quando Caminha tomou a penna na bahia de Porto Seguro sabia approximadamente o que ia dizer e com toda a precizão o que ia pedir. «E pois que, Senhor, é

certo que assim neste cargo que levo como em outra qualquer outra cousa que de vosso serviço for, Vossa Alteza ha de ser de mim mui bem servido, a ella peço que por singular mercê mande vir da ilha de São Thomé Jorge d'Osouro, meu genro, o que della receberei em muita mercê», taes suas intimas linhas.

A explicação é patente: Jorge d'Osouro fôra degradado para a ilha de S. Thomé, e o sogro pedia para elle indulto real. Os documentos publicados por Sousa Viterbo tornam muito provavel a conclusão. Cêrca de 1491 Jorge d'Osouro foi juntamente com outros apossar-se á força de uma igreja, erradamente considerada vaga, e accusam-n'o de ter roubado pão, vinho e gallinhas e outras cousas que poderiam valer mil e trezentos reaes. Pelo mesmo tempo deu feridas em um clerico, «scilicet, uma pela cabeça, e outra por um braço e outra pelo pescoço e tres feridas pequenas pelas costas». Por estes crimes andou homisiado cinco ou seis annos até que, desistindo as partes, D. Manoel perdoou-o a 16 e 17 de Janeiro de 1496. Talvez o casamento com a filha de Pero Vaz seguisse a estes perdões.

Se D. Manoel o fez tornar de S. Thomé ou se lá succumbio ao clima pestilento ignora-se. Apenas sabemos que em 3 de Dezembro de 1501 El-Rei fez mercê do cargo de mestre de balança a Rodrigo d'Osouro, «neto de Pero Vaz de Caminha, que ora falleceu na India onde o enviamos, confiando delle que *tanto que fôr de idade* para isso o fará bem e como a nosso serviço e bem das partes pertence, e querendo-lhe fazer graça e mercê, visto como o dito seu avô morreu em nosso serviço»: *Tanto que fôr de idade...* teria então cinco annos, se Jorge de Osouro casou logo depois de Janeiro de 1496.

Fallecendo Rodrigo, succedeu-lhe em 1530 Pero Vaz, seu irmão, que dez annos mais tarde renunciou o lugar em Francisco Pereira.

A existencia destes Osouros seria mais uma prova da authenticidade da Carta de Caminha, se realmente pudesse ser posta em duvida.

CAPISTRANO DE ABREU.